

O REI CLÓVIS VISTO POR GREGÓRIO DE TOURS

Edmar Checon de Freitas

INTRODUÇÃO

Georgius Florentius Gregorius nasceu em Auvergne, em 30 de novembro de 539, numa família da aristocracia galo-romana, que se orgulhava de pertencer à velha ordem senatorial. Isso se aplicava tanto a seu lado paterno quanto ao materno¹. Igualmente importantes eram os laços da família com a hierarquia eclesiástica. Gregório possuía em sua parentela vários bispos e até mesmo um mártir: Vettius Epagatus, morto em Lion, em 177.²

Em 573, Gregório foi escolhido para ocupar a cátedra episcopal de Tours. Tratava-se de um importante centro religioso da Gália, onde era venerada a memória de São Martinho, monge e bispo local, a quem se atribuíam numerosos milagres. O próprio Gregório teria se beneficiado de um deles em 563, ao ser curado de uma enfermidade junto à tumba do santo.³ Permaneceu como bispo da cidade até a morte, em 17 de novembro de 594. Sua carreira episcopal foi bastante movimentada, pois envolvia-se constantemente nas querelas das famílias reais que então disputavam o poder na Gália. Dedicou-se também à construção e restauração de igrejas, sendo sua mais importante

1 Para os dados biográficos de Gregório de Tours consultamos: THORPE, L. Introduction. In: TOURS, Gregory of. *The history of the Franks*. London: Penguin Books, 1974. p. 7-58; LATOUCHE, R. Introduction. In: TOURS, Gregoire de. *Histoire des francs*. Paris: Les Belles-Lettres, 1999. t I, p. 5-29.

2 THORPE, op. cit., p. 8.

3 LATOUCHE, op. cit., p.7.

obra a restauração da catedral de Tours e da basílica de São Martinho, seriamente atingidas por incêndios durante o episcopado de Eufrônio, seu predecessor.⁴

Gregório procurou legar à posteridade um outro tipo de monumento, além de templos de pedra restaurados: ele escreveu história. O relato de Gregório inicia-se com a criação do mundo, estendendo-se até os acontecimentos de sua época, chegando muito próximo dos seus últimos dias.⁵ A *História dos Francos* é composta por dez livros. Os quatro primeiros tratam de acontecimentos em sua maioria anteriores ao tempo de Gregório como bispo de Tours. Os demais já o incluem como ator em grande parte dos eventos narrados. O conteúdo de cada um dos livros pode ser assim sintetizado:

- Livro I: da criação do mundo à morte de São Martinho (397).
- Livro II: do episcopado de Brício (sucessor de Martinho como bispo em Tours) à morte de Clóvis (511).
- Livro III: da sucessão de Clóvis à morte do rei Teudoberto (548).
- Livro IV: o reinado de Clotário I e o assassinato do rei Sigiberto (575).
- Livro V: reinados de Childeberto II e de Chilperico.
- Livro VI: os últimos anos de Chilperico (assassinado em 584).
- Livros VII - X: reinados de Childeberto II e Gontrão (morto em 593).⁶

Analisando a composição dos livros de I a V, Lewis Thorpe sugere a possibilidade de a obra de Gregório ter sido iniciada por este último, relatando eventos muito próximos ao seu tempo. À medida que ia escrevendo, Gregório teria sentido a necessidade de estender para trás seu relato, compondo então os primeiros livros.⁷ Mas há ainda um outro problema quanto à composição

4 *História dos Francos* X, 31. Daqui por diante essa obra será indicada simplesmente por *HF*. Consultamos as edições de Lewis Thorpe e Robert Latouche acima citadas, das quais seguimos a numeração de livros e capítulos. O texto latino consultado integra a edição de MIGNE, J. P. GREGORII TURONENSIS, *Opera omnia*. Paris, 1867.

5 O último episódio narrado por Gregório relata uma seca devastadora que se abateu sobre a região, em 591 (*HF* X, p. 30). Ver LATOUCHE, op. cit., t.I, p. 9.

6 À guisa de conclusão, Gregório enumera todos os bispos que o precederam com um breve relato de seus atos, incluindo seu próprio episcopado. Segue-se a relação dos escritos de sua autoria e um cômputo do número de anos transcorridos da criação do mundo até a conclusão da obra (*TOURS*, op. cit., X, p. 31).

7 THORPE, op. cit., p. 24-25.

da obra: os manuscritos mais antigos que a reproduzem trazem somente os livros de I a VI.⁸ Os manuscritos que contêm os livros de VII a X, entretanto, não coincidem com os que contêm apenas os livros de I a VI. Há sessenta e seis capítulos interpolados nos quatro primeiros livros, nessa segunda série de manuscritos.⁹ Robert Latouche e Lewis Thorpe atribuem tais interpolações ao próprio Gregório. Isso porque há indícios de que ele teria dado por encerrada sua obra ao fim do livro VI. Ao complementá-la posteriormente com os livros de VII a X ele teria também acrescentado capítulos aos livros já concluídos.¹⁰

Há muitas formas de se abordar a *História dos Francos*, tal a vastidão de temas nela tratados e os diferentes aspectos da sociedade merovíngia que ela abarca. Há material para o estudo da vida política, religiosa, das manifestações culturais em geral e também das realidades materiais da existência dos homens e mulheres de então. Até mesmo aqueles que se deleitam com os mexericos de corte vão encontrar um amplo repertório de saborosas historietas. Por esse motivo, cabe aqui inicialmente definir com precisão qual recorte operaremos sobre o texto.

Um dos aspectos que mais nos têm chamado à atenção quando do estudo da *História dos Francos* vem a ser a maneira pela qual Gregório de Tours nos apresenta o rei Clóvis. Sabemos que este veio a se tornar uma das figuras mais emblemáticas da história da monarquia francesa. Em torno do seu batismo, desenvolveu-se a lenda do santo óleo da sagração dos reis franceses, o qual do céu teria sido entregue por uma pomba a São Remígio, o bispo que batizou o rei.¹¹ Jacques Le Goff, estudando o caso de Luís IX, mostra-nos a força dessa tradição no século XIII, a qual servia como elemento ativo na afirmação de

8 Os manuscritos mais importantes da *História dos Francos* são o de Corbie (Bibliothèque Nationale, Paris), datado do século VII, contendo os livros de I a IV, e o de Bruxelas (Bibliothèque Royale), datado dos séculos VIII e IX, contendo o trecho que vai de II, 3 à metade de X, 29 (THORPE, op. cit., p.53).

9 Ibid., p. 26.

10 O final do livro VI apresenta uma fórmula solene de conclusão, com um agradecimento a Deus (*Deo gratias*), diferindo dos livros anteriores. O material interpolado refere-se sobretudo às façanhas dos santos e à sucessão episcopal em igrejas da Gália, principalmente as de Tours, onde Gregório era bispo, e Auvergne, sua terra natal (LATOUCHE, op. cit., t.I, p. 11-13, nota 1; THORPE, op. cit., p. 25-27, nota 1).

11 A sagração real começou a ser praticada quando da ascensão dos carolíngios: Pepino, o Breve, em 751, legitimou por meio dela a usurpação que praticara, destronando o último rei merovíngio. A lenda da "santa ampola" começou a circular no século IX. Cf. SOT, Michel (Ed.). *Histoire culturelle de la France*. Paris: Éditions du Seuil, 1997. v.1, p. 31. Ver também BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 68-81.

uma monarquia de caráter quase “nacional”.¹² Por outro lado, a mesma obra de Le Goff coloca-nos diante Luís IX, o São Luís, rei modelar, exemplar, mas cuja imagem também é construída segundo modelos. Teria Gregório de Tours construído, já no século VI, um modelo real? Ou, raciocinando no sentido inverso, que modelos Gregório teria empregado na construção da imagem do rei Clóvis?

Essas são questões que exploraremos neste trabalho. Procuraremos focar na *História dos Francos* aquilo que mais se aproxima de uma “biografia” de Clóvis por Gregório de Tours. A narrativa dos feitos do primeiro rei dos francos cristão pode levar-nos a compreender melhor que projetos tinha em mente Gregório ao compor seu relato, que modelos pretendia utilizar ou pôr em circulação. Começaremos situando o material relativo a Clóvis no corpo geral da *História dos Francos*.

O LIVRO II DA HISTÓRIA DOS FRANCOS

Como já indicamos acima, Gregório inicia sua narrativa com a criação do mundo, procurando em seguida alinhar a história da Gália à do povo de Deus, visto por ele como formado pelos filhos de Israel, no período veterotestamentário, e pelos cristãos, após a encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. A Gália começa a aparecer no relato de Gregório quando é recordado o governo de Otávio Augusto em Roma, registrando-se então a fundação de Lion.¹³ Desse ponto em diante, a região figura com progressivo destaque, tornando-se já no fim do livro o foco principal da narrativa.

Inicialmente Gregório recorda os mártires e confessores responsáveis pelas primeiras missões evangelizadoras na Gália, no século III.¹⁴ Em seguida, narra

12 LE GOFF, J. *São Luís: biografia*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 1999. Ver especialmente: Parte II, cap.3 e Parte III, cap.9.

13 *HF I*, p. 18.

14 Gregório destaca aqui os seguintes mártires: os bispos de Lion, Potino e Irineu; os quarenta e oito mártires de Lion, entre os quais Gregório inclui Vettius Epagatus, antepassado seu; dois dos sete pregadores enviados à Gália, Saturnino e Dionísio, o primeiro, bispo em Toulouse, e o segundo, em Paris. Os outros cinco desses sete missionários também são mencionados por Gregório, na categoria de confessores, por não terem sofrido o martírio: Gatiano de Tours, Trófimo de Arles, Paulo de Narbone, Estremônio, de Auvergne (Clermont-Ferrand) e Marcial de Limoges (*HF I*, p. 28-30).

alguns episódios relativos a Igrejas da Gália, especialmente à de Auvergne, terra do autor.¹⁵ O advento de Constantino, cujo governo é saudado como um tempo de felicidade,¹⁶ abre caminho para uma mudança na temática abordada. Já não mais são retratados episódios de perseguição e martírio. Gregório fala agora da descoberta da verdadeira cruz de Cristo, da luta contra os arianos, das virtudes de monges e bispos. Entre estes ocupa lugar central a figura de Martinho de Tours, cujo nascimento Gregório registra na mesma passagem em que anuncia o império de Constantino: “Durante o décimo primeiro ano de seu governo, quando após a morte de Diocleciano a paz foi restituída às igrejas, o muito bem-aventurado prelado Martinho nasceu em Sabária, cidade da Panônia, de pais pagãos, porém não de baixa condição”.¹⁷

Mais adiante, o mesmo Martinho é evocado como a nova luz que se derramara sobre a Gália:

*Então [nos tempos de Constâncio II] também a nossa luz começou a brilhar novamente e seus raios de novo iluminaram a Gália; este foi o tempo em que o muito bem-aventurado Martinho começou a pregar na Gália. Por seus muitos milagres ele mostrou a todos que Cristo, o Filho de Deus, é o Deus verdadeiro, vencendo a incredulidade dos pagãos. Ele igualmente destruiu templos, suprimiu a heresia, edificou igrejas e, quando com muitos outros milagres refulgia, para levar à plenitude seus títulos de glória, restituiu à vida três mortos.*¹⁸

15 Aqui mais uma vez Gregório recorda sua parentela, evocando a história de Leocádio, descendente de Vettius Epagatus, que, sendo ainda pagão, teria cedido sua propriedade para a construção de um templo cristão, posteriormente convertendo-se ele próprio ao cristianismo (HF I, p. 31).

16 “*Romanorum tricesimus quartus imperium obtinuit Constantinus, annis triginta regnans feliciter*” (HF I, p. 36).

17 “*Hujus imperii anno undecimo, cum post excessum Diocletiani pax reddita fuit Ecclesiis, beatissimus praesul Martinus apud Sabariam Pannoniae civitatem nascitur, parentibus gentilibus, non tamen infimis*” (HF I, p. 36). Com exceção da referência a Constantino, trata-se de uma citação da *Vida de Martinho*, escrita por Sulpício Severo em 397 (*Vita Martini* 2,1).

18 “*Tunc jam et lumen nostrum exoritur, novisque lampadum radiis Gallia perhustratur: hoc est, eo tempore beatissimus Martinus in Galliis praedicare exorsus est, qui Christum Dei Filium per multa miracula verum Deum in populis declarans, gentiliū incredulitatem avertiti. Hic enim fana destruxit, haeresim (sic) oppressit, ecclesias aedificavit, et cum aliis multis virtutibus refulgeret, ad consummandum laudis suae titulum, tres mortuos vitae restituit*”. (HF I, p. 39).

Desse ponto em diante, o livro I da *História dos Francos* narra episódios concernentes às Igrejas da Gália, finalizando com o registro da morte de São Martinho e a narrativa de seus funerais.¹⁹

O livro II estrutura-se de uma maneira bastante diferente. Inicia-se com o relato das desventuras de Brício, sucessor de São Martinho na cátedra episcopal de Tours.²⁰ Já no segundo capítulo, o enfoque da narrativa é mudado, passando Gregório a falar da ameaça dos vândalos e dos hunos.²¹ Destaque é dado aos episódios de perseguição às igrejas da Gália pelos vândalos arianos, sendo enaltecidos os bispos que defendiam a causa católica. No caso dos hunos, além da resistência eclesíastica, Gregório destaca a ação de Aécio, dedicando um capítulo inteiro ao relato de episódios relacionados à vida desse general romano.²²

Finalmente aparecem os francos na narrativa do bispo de Tours. Gregório começa por discutir sua origem, apresentando os testemunhos de Sulpício Alexandre, Renatus Frigeridus e Paulo Orósio.²³ O material que esses cronistas fornecem refere-se à penetração dos francos no território do Império Romano, ao longo dos séculos IV e V. Gregório conclui essa primeira exposição sobre os francos falando sobre seus primeiros reis. Ele ignora seus nomes, mas informa que esse povo instituíra vários reis “cabeludos”, oriundos das mais antigas e nobres famílias, o que seria comprovado pelo sucesso militar de Clóvis.²⁴ Alguns nomes de reis ele então apresenta: Teodomiro, Clódio, Meroveu e Childerico.²⁵ Em seguida, Gregório trata da religião do povo franco, lamentando sua idolatria. Aqui intervêm vários motivos vétero-testamentários, recordando as proibições bíblicas quanto à adoração de imagens.²⁶

19 *HF* I, p. 48.

20 *HF* II, p. 1.

21 *HF* II, p. 2-8.

22 *HF* II, p. 8. Gregório utiliza-se, neste ponto, do testemunho de Renatus Frigidrius, historiador do qual somente temos conhecimento por meio dessa passagem da *História dos Francos* (Cf. nota de LATOUCHE, R. *HF* II, p.91).

23 *HF* II, 9. Também Sulpício Alexandre somente nos é conhecido por meio da obra de Gregório (Cf. nota de LATOUCHE, R. *HF* II, p. 92; veja-se também a nota 22 deste trabalho). Quanto a Orósio, trata-se de uma das principais fontes da obra de Gregório, como ele mesmo declara em *HF* I, Prefácio; II, Prefácio.

24 “*Ibique juxta pagos vel civitates, reges crinitos super creavisse, de prima, et ut ita dicam, nobliori suorum familia. Quod postea probatum Chlodovechi victoriae tradidere, idque in sequenti digerimus*” (*HF* II, 9). É a primeira menção ao rei Clóvis na obra.

25 *Ibid.*, loc. cit.

26 *HF* II, p. 10.

Segue-se a narrativa de episódios referentes ao reino de Childerico, seus vícios e batalhas, retratando uma Gália assolada pela guerra entre vários povos invasores. Tudo isso é entremeado por relatos concernentes às sucessões episcopais em Tours e Auvergne, respectivamente a pátria de Gregório e a cidade da qual era bispo.²⁷

Todo o restante do livro II da *História dos Francos* gira em torno do reino de Clóvis, filho e sucessor de Childerico. De certa forma, o material que precede a entrada em cena de Clóvis é uma introdução à parte central do livro, para a qual nos voltaremos agora.

CLÓVIS E SEU REINO

Dezessete capítulos são dedicados aos feitos de Clóvis. Gregório não tem a preocupação de fornecer detalhes sobre a vida do rei. Alguns eventos, contudo, são tomados como referenciais para melhor situar sua trajetória: o nascimento, o casamento, o batismo e a morte. É o máximo de aproximação biográfica a que chega Gregório de Tours.

Como vimos, a primeira referência que Gregório faz a Clóvis na *História dos Francos* ocorre no livro II da obra, quando trata dos primeiros reis francos que ocuparam a Gália.²⁸ O nascimento de Clóvis é mencionado quando do relato do ocorrido no reino de Childerico, seu pai, homem que Gregório apresenta como entregue à luxúria. Childerico desposa Basina, que havia abandonado o marido, rei dos turíngios. Dessa união nasce Clóvis, em 466, este sim, segundo Gregório, um grande homem e valoroso guerreiro.²⁹ O nome — *Chlodweg*, latinizado como *Chlodovechus* — recorda outro rei de sua linhagem, Clódio.³⁰

27 HF II, p. 11-26.

28 Cf. p. 3 e nota 24.

29 "... Basina [...] relictum viro suo, ad Childericum venit. [...] At ille gaudens, eam sibi in conjugio copulavit: quae concepiens peperit filium, vocavitque nomen ejus Chlodevechum. Hic fuit magnus, et pugnator egregius". (HF II, 12). Sobre o nascimento de Clóvis veja-se ROUCHE, Michel. *Clovis*. Paris: Fayard, 1996, p.186.

30 De Clóvis derivaram-se *Hlodovicus*, *Lodoys* e, finalmente, *Louis*, nome recorrente na monarquia francesa posterior (Cf. ROUCHE, 1996, p.202).

Nada sabemos acerca de Clóvis entre seu nascimento e a ascensão ao trono. Em 481 ele sucede a Childerico como rei dos francos.³¹ O reino que herdara compreendia uma pequena região ao Norte da Gália, centrada em Tournai e Reims. A maior parte das terras gaulesas estava então nas mãos dos visigodos e dos burgúndios.³² Gregório de Tours relata-nos então as primeiras lutas por meio das quais o novo rei franco vai alargando seus domínios. Ele derrota e manda executar Siágrio,³³ filho de um antigo oficial romano, que reinava em Soissons.³⁴ Em seguida, submete os turíngios e, casando-se com Clotilde, sobrinha do rei dos burgúndios, alia-se a esse povo.³⁵

Como Gregório nos apresenta Clóvis nesses primeiros tempos de seu reino? Por um lado, é destacada a coragem e a firmeza do rei, atemorizando os adversários. Por outro, tratava-se ainda de um rei pagão, “prisioneiro dos erros do fanatismo”, cujo exército pilhava as igrejas.³⁶ O rei, contudo, procurava manter um bom relacionamento com os bispos. Quando da tomada de Soissons, quis atender ao pedido do bispo local, devolvendo-lhe um precioso vaso. Um dos soldados opôs-se e partiu o vaso com o machado, somente podendo o rei restituí-lo em pedaços. Mais tarde, partiu ele próprio com o machado a cabeça do soldado.³⁷

O casamento de Clóvis com Clotilde demarca o começo de uma nova etapa na vida do rei. Ela era cristã, ele pagão. Começa então a história da conversão de Clóvis. Inicialmente, Gregório mostra-nos um quadro de

31 Ibid., p.201.

32 A Gália atravessou momentos conturbados nos desde os últimos anos do Império Romano, com vagas de povos germânicos adentrando e conquistando seu território. Para uma visão panorâmica dessa época veja-se ROUCHE, 1996.

33 HF II, 27.

34 Por esse motivo Gregório o denomina *rex Romanorum*. Siágrio representa a última liderança romana na Gália, embora não seja certo que portasse algum título oficial. O pai de Siágrio, Egídio, havia sido reconhecido *magister militum per Galias* pelo imperador de Roma, Majoriano. Cf. ROUCHE, 1996, p.135.

35 HF II, 28.

36 “*Eo tempore multae ecclesiae a Clodovechi exercitu depraedae sunt, quia erat ille adhuc fanaticis erroribus involutus*”. (HF II, 27).

37 HF II, 27. Trata-se de uma das mais famosas passagens da narrativa de Gregório. O episódio do “vaso de Soissons” mostra os limites da autoridade do chefe sobre os guerreiros de seu grupo. As regras da partilha do butim não poderiam ser quebradas, nem pela vontade do rei. ROUCHE (1996, p.207-208) argumenta que a punição do soldado mostra o apego de Clóvis à disciplina militar ao estilo romano. Acredita-se que o vaso na verdade era de Reims, pois consta do testamento de São Remígio (*Testamentum sancti Remigii episcopi*, 51-59 — editado e traduzido por ROUCHE, M. 1996, p.498-505).

evangelização doméstica: a rainha, pretendendo batizar o filho primogênito,³⁸ prega a fé católica ao rei. O batismo é realizado, mas o menino, de nome Ingomer, morre dias depois. Clóvis atribui o fato ao batismo. Clodomir, o segundo filho, foi também batizado, sobrevivendo a uma grave enfermidade.³⁹

O segundo lance para a conversão é apresentado no campo de batalha. Clóvis, prestes a ser derrotado pelos alamanos, invoca a proteção de Cristo, vencendo em seguida a luta.⁴⁰ É impossível não associarmos esse episódio à conversão de Constantino, que derrotou as tropas de Maxêncio na Ponte Mílvia sob o signo da cruz. Clóvis segue assim os passos do imperador cristão.

Uma terceira etapa segue-se a essa batalha. Sabendo do ocorrido, Clotilde chama Remígio, bispo de Reims, e o encarrega do trabalho de pregar ao rei. Remígio consegue convencer Clóvis, que teria consultado o povo, de quem recebe total adesão nesse seu propósito de aderir à fé cristã e católica. Realiza-se então o batismo: “como um novo Constantino ele se aproxima da pia batismal, para se curar da doença de uma velha lepra e para se purificar com água fresca das manchas sórdidas dos feitos passados”.⁴¹ Segundo Gregório, mais de três mil homens de seu exército são batizados com ele, além de membros de sua família.⁴²

A associação entre Clóvis e Constantino é aqui explícita. No primeiro livro da *História dos Francos*, Gregório de Tours caracterizara os tempos do primeiro imperador cristão como uma época de felicidade.⁴³ Declarando Clóvis um novo Constantino, ele indica que se iniciava também para a Gália uma era jubilosa.

O que mudou no rei após o batismo? O que Gregório relata em seguida em nada difere do material anterior. Clóvis continua guerreando e vencendo, pois conta com a proteção de Cristo. Também a proteção dos santos o rei buscava, temendo ofendê-los. Em 507, ele preparava-se para o decisivo combate com os visigodos. Nas cercanias de Tours, cidade de São Martinho, ele ordena aos soldados que nenhuma requisição seja feita naquelas paragens,

38 Clóvis possuía já um filho, Teuderico, fruto de uma união com uma concubina. Cf. *HF* II, 28.

39 *HF* II, 29.

40 *HF* II, 30.

41 “*Procedit novus Constantinus, ad lavacrum, deleturos leprae veteris morbum, sordentesque maculas gestas antiquitas recenti latice deleturus*”. (*HF* II, 31).

42 *Ibid.*, loc. cit.

43 “*Romanorum tricesimus quartus imperium obtinuit Constantinus, annis triginta regnans feliciter*” (*HF* I, 36).

à exceção de comida e água, em respeito à memória do santo. Um deles desobedece, tomando feno de um pobre homem. O rei manda matar imediatamente o soldado, pois “onde estará a esperança da vitória, se o bem-aventurado Martinho for ofendido?”⁴⁴ Na igreja de São Martinho, recebe um sinal da vitória futura. O mesmo procedimento adota em Poitiers, protegendo a região e seus habitantes do saque de seus próprios soldados, em respeito a Santo Hilário. Voltando vencedor, ele cumula de presentes a basílica de São Martinho, em Tours, lá recebendo as honras de cônsul concedidas pelo imperador Anastácio, de Constantinopla. Clóvis é ornado com uma túnica, uma clâmide e um diadema, e Gregório afirma que daí por diante foi chamado cônsul e agosto.⁴⁵

Prosseguem as guerras e as vitórias. Clóvis é retratado como fiel cumpridor da vontade de Deus, sendo por isso recompensado com vitórias: “Dia a dia Deus colocava seus inimigos sob sua mão e aumentava o seu reino, porque ele caminhava diante dele com um coração reto e fazia o que era agradável a seus olhos”.⁴⁶ O que exatamente seria agradável aos olhos de Deus Gregório não define. Sua avaliação dos atos de Clóvis é surpreendentemente desprovida de qualquer censura cristã à falta de escrúpulos do rei quanto à ampliação de seus domínios. Os últimos capítulos do livro II relatam as tramas urdidas por Clóvis para se livrar de seus inimigos e aumentar o reino. Prisioneiros são executados, alguns pelo próprio rei. O sangue jorra em profusão. E não apenas sangue estrangeiro, pois as guerras de Clóvis estendem-se à dominação de todos os outros reis francos, tendo inclusive assassinado membros de sua parentela. Com uma certa dose de humor negro, o bispo de Tours mostra-nos o rei lamentando-se da solidão:

Mortos então muitos outros reis, e mesmo seus parentes próximos — dos quais tinha ciúmes — para que não lhe tirassem o reino, estendeu seu reino por todas as Gálias. Todavia, conta-se que certa vez disse aos do seu círculo, a respeito dos parentes que ele mesmo causara a perda: “Infeliz de mim, que permaneço como um peregrino entre estrangeiros, e não tenho parentes que possam ajudar-me, se vier a adversidade”.

44 “Et ubi erit spes victoriae, si beatus Martinus offenditur?” (HF I, 37).

45 Ibid., loc. cit.

46 “Prosternebat enim quotidie Deus hostes ejus sub manu ipsius, et augebat regnum ejus, eo quod ambularet recto corde coram eo, et faceret quae placita erant in oculis ejus”. (HF II, 40).

*Mas não dizia isso por condolência pela morte daqueles, e sim por astúcia, para o caso de talvez encontrar ainda alguém para matar.*⁴⁷

O que de resto Gregório nos conta acerca de Clóvis refere-se à sua morte. Há, contudo, elementos importantes a considerar. O bispo de Tours situa a morte do rei em Paris, aos 45 anos de idade e após trinta de reinado, no quinto ano contado a partir da batalha de Voillé, o que nos conduz ao ano 511 da era cristã. O rei foi sepultado na basílica dos Santos Apóstolos, que ele mandara construir.⁴⁸ Mais uma vez aqui aparece um paralelo com o imperador Constantino, também edificador de uma basílica dedicada aos apóstolos. A rainha Clotilde retira-se então para a igreja de São Martinho, em Tours, lá permanecendo até sua morte, em 544.⁴⁹

Chegamos ao fim do material biográfico acerca de Clóvis, disponível na *História dos Francos*. É hora de retomarmos algumas questões apontadas ao longo do caminho que até aqui percorremos.

CLÓVIS, UM MODELO REAL?

Mencionamos, alguns parágrafos acima, a notável obra de Jacques Le Goff sobre Luís IX de França, ou São Luís.⁵⁰ Le Goff percorre todos os caminhos que teriam conduzido à elaboração da imagem de Luís como rei ideal. Um rei santo, guerreiro e justo juiz. A imagem de Luís teria sido construída sobre vários modelos, remontando ao passado bíblico e à tradição monárquica que o precedera.

47 *“Interfectisque et aliis multis regibus, vel parentibus suis primis, de quibus zelum habebat, ne ei regnum auferrent, regnum suum per totas Galias dilatavit. Tamen congregatis suis, quadam vice dixisse fertur de parentibus, quos ipse perdiderat: ‘Vae mihi, qui tanquam peregrinus inter extraneos remansi, et non habeo de parentibus, qui mihi, si venerit adversitas, possit aliquid adjuvare. Sed hoc non de morte horum condolens, sed dolo dicebat, si forte potuisset adhuc aliquem reperire, ut interficeret’.* (HF II, 42).

48 HF II, 43. Nessa basílica ficava o túmulo de Santa Genoveva (HF IV, 1), heroína da libertação de Paris e Orleans da invasão dos hunos, em 451 (ROUCHE, 1996, p. 123-126; 345-347).

49 HF II, 43; IV, 1. Veja-se também nota de LATOUCHE, R. nessa passagem (p. 181, n. 1).

50 Ver p. 3.

E no caso de Clóvis? Teria Gregório de Tours trabalhado a imagem do rei, à luz de modelos anteriores? Com que fim? Haveria algo mais a ligar o primeiro “Luís” ao seu longínquo e santo sucessor?

Em primeiro lugar, coloca-se aqui a questão da relação entre Clóvis e Constantino. Assinalamos as diversas semelhanças entre ambos, que se manifestam na obra de Gregório de Tours. Inicialmente, há a questão da conversão e do batismo. Clóvis opta pela fé cristã devido à sua eficácia, no que diz respeito ao sucesso obtido na batalha. À sua volta parece ter-se formado uma atmosfera carregada de apelos ao sobrenatural: as exortações de Clotilde, a pregação de Remígio, o poder milagroso dos santos. Niceto de Trêves, escrevendo por volta de 562 à princesa Clodosvinta, neta de Clotilde, então em vias de casar-se com Alboíno, rei dos lombardos, revela-nos a grande influência do culto a Martinho de Tours na conversão de Clóvis. Segundo Niceto, o rei teria caído de joelhos diante da tumba do santo, prometendo então aceitar o batismo.⁵¹

Teria sido então o rei levado à conversão simplesmente? Parece-nos que não. Lembremo-nos de que, à época de Clóvis, os francos havia muito ocupavam a Gália. De uma carta enviada por Remígio de Reims a Clóvis, logo no princípio de seu governo, sabemos que ele e seus antecessores eram responsáveis pela província da *Belgica Secunda*.⁵² As ligações com o mundo romano e o clero cristão eram fortes o suficiente para indicarem a Clóvis que um bom relacionamento com os bispos e seus fiéis poderia servir de grande auxílio a seus projetos. A conversão de Clóvis ao cristianismo não pode ser separada de seu forte conteúdo político.

Clóvis, portanto, qualquer que tenha sido sua motivação estritamente religiosa, deu um passo decisivo rumo à romanização quando de sua opção pela fé cristã. Escrevendo mais de um século depois, Gregório parece ter captado exatamente isso, enfatizando o paralelo com relação a Constantino. Tal identificação permitia a demarcação de um espaço cristão, protegido pelo poder real e, na prática, autônomo em relação à autoridade imperial de Constantinopla. Mais que isso, um Clóvis romanizado não permitia que tal

51 *Carta de Niceto de Trêves*, 18, editada e traduzida por ROUCHE, M. (1996, p. 519-525). Vejam-se também seus comentários (p. 526-532).

52 1.ª *Carta de Remígio a Clóvis*, 1-5, editada e traduzida por ROUCHE, M. (1996, p.387-388). Veja-se também FLETCHER, E. *The barbarian conversion*. New York: Henri Holt, 1998. p. 101.

autonomia esvaziasse o peso da tradição romana cristã. Isso já havia sido percebido antes. Avito, bispo de Viena, escreveu uma carta a Clóvis, felicitando-o pelo batismo. Numa passagem dessa carta, o bispo declara a Grécia e o Ocidente iguais na alegria de ter um soberano cristão.⁵³

Os atos do próprio rei respaldam essa tentativa de identificação com o Império Cristão. Edward Fletcher, analisando o processo que ele denomina “conversão dos bárbaros”, dedica um capítulo inteiro de sua obra àqueles que ele chama de “novos Constantinos”. Clóvis é o primeiro exemplo que ele toma:

During the last years of his reign the “new Constantine” performed actions which recalled the first Constantine; and surely not coincidentally. Like Constantine he established a new capital for himself, at Paris. Like Constantine he built there a church dedicated to the Holy Apostles. Like Constantine at Nicaea he presided over a church council, at Orléans in the year 511. Like Constantine he was generous to the Catholic church, and there is just a little evidence that like Constantine he was masterful in his government of it. Like another emperor, Theodosius II, Clovis issued a code of law, written in Latin, the so-called Pactus Legis Sallicae, the first surviving version of the famous Lex Salica or Salic Law, the law of the Salian Franks.⁵⁴

Gregório de Tours utiliza em sua narrativa um modelo para a construção da imagem de Clóvis baseado na identificação com a figura imperial de Constantino, idéia como vimos já trabalhada antes dele por outros clérigos e, ao que tudo indica, agradável aos olhos do próprio Clóvis. Mas há um outro elemento importante na elaboração dessa imagem idealizada do rei. Clóvis era um rei guerreiro. Gregório busca um modelo guerreiro dentro da tradição bíblica, aplicável ao rei dos francos: Davi. Não há no livro II da *História dos Francos* uma referência explícita a esse rei hebreu, mas a palavra de Gregório contém fortes ressonâncias davídicas, principalmente no que concerne às relações entre o rei e Deus. Vimos anteriormente que, para o bispo de Tours, Clóvis era um protegido de Deus, contava com o favor divino em suas guerras, pois “caminhava diante dele com um coração reto e fazia o que era agradável a seus olhos”.⁵⁵ As narrativas bíblicas acerca de Davi enfatizam sempre que o

53 *Carta de Avito a Clóvis*, 43-46, editada e traduzida por ROUCHE, M. (1996, p. 397-400).

54 FLETCHER, 1998, p. 106.

55 *HF* II, 40. Ver p. 7.

Senhor estava com ele. Especialmente o chamado *Salmo de Davi* mostra-nos o rei agradecendo a Deus a proteção e a entrega dos inimigos, afirmando que sempre guardara os “caminhos do Senhor”.⁵⁶

Clóvis seria, portanto, um novo Constantino e um novo Davi, conquistador como eles, e igualmente fiel a Deus e protetor do povo eleito. O rei dos francos aparece no relato de Gregório como uma reedição da realeza bíblica e da glória imperial romana e cristã. Por isso os atos do rei são avaliados de uma maneira especial. A questão aqui não é a avaliação do caráter do rei ou seu sentido de justiça. Gregório é pragmático: Clóvis é um bom rei porque aceitou a fé católica, por isso conta com o favor divino. Todos os seus atos são justificados a partir de então.

Mais que isso, Clóvis converte-se num modelo para os futuros reis. Gregório escreve olhando para seu próprio tempo. Ele temia o ressurgimento do arianismo, por isso cuidando para apresentar aos príncipes de sua época um modelo ideal: Clóvis. No prólogo do livro III, ele tece uma comparação entre os sucessos dos que professam a fé na Trindade e os fracassos dos que a rejeitam. Bem ao centro do texto surge a comparação fundamental: “O rei Clóvis, que a confessou [a fé na Trindade], derrotou os heréticos com o socorro divino e estendeu seu reino por toda a Gália; Alarico, que a rejeitou, foi privado de seu reino, de seu povo e, do que é maior, a vida eterna”.⁵⁷

Gregório, portanto, escreve com um olho no passado e outro no presente. Sua crônica tem um forte conteúdo moralizante, pretendendo mostrar que o pecado conduz à desgraça do pecador.⁵⁸ Mas sua idéia de pecado está fortemente associada à questão de se professar ou não a doutrina por ele tida como verdadeira. No caso dos reis, isso se tornava mais agudo, pois as opções religiosas do governante repercutiriam sobre todo o reino, afetando a tranquilidade e os projetos da Igreja. Por isso Clóvis é mostrado como exemplar, sendo apresentado como um rei católico que sempre protegera a Igreja e se mostrara dócil para com os bispos. Seu sucesso era o prêmio por tais atitudes,

56 *Segundo livro de Samuel* 22. O texto praticamente repete-se no *Livro dos Salmos*, 18.

57 “*Hanc Clodovechus rex confessus, ipsos haereticos adjutorio ejus oppressit, regnumque suum per totas Gallias dilatavit: Allaricus hanc denegans, a regno et populo, atque ab ipsa, quod majus est, vita mulctatur aeterna*” (HF III, Prólogo).

58 Sobre este ponto veja-se BROWN, Peter. *El primer milenio de la cristiandad occidental*. Barcelona: Crítica, 1997. p. 100.

penhor da fortuna dos príncipes da época de Gregório. Em mais um prólogo, agora no livro V, ele exorta os reis a seguirem o exemplo de Clóvis, “autor de vossas vitórias”, o qual derrotara seus adversários e deixara aos descendentes um imenso legado.⁵⁹

A imagem de Clóvis é assim construída sobre a idéia do “novo Constantino” e do “novo Davi”. Liga-se o reino franco à tradição romana e o guerreiro franco transforma-se num campeão da fé cristã. Essa imagem, por sua vez, é projetada como exemplo para os demais reis. A glória e a fortuna viriam como consequência do seguimento do mesmo. Ganha a Igreja com o favor real, ganham os reis com a recompensa pela sua fé.

59 *“Recordamini quid caput victoriarum vestrarum Chlodovechus fecerit, qui adversos reges interfecit, noxias gentes elisit, patrias gentes subjugavit: quarum regnum vobis integrum illaesumque reliquit (HF V, Prólogo).*